

Aplicações potenciais da Linguística Cognitiva para áreas da Linguagem, do Discurso e da Gramática

Prof. Dr. Antônio Suárez Abreu (UNESP)

Entrevistadores:

Thiago Wallace Rodrigues dos Santos Lopes (UERJ)

Débora Leão (UERJ)

O *locus* da Linguística Cognitiva encontra-se hoje em um momento dicotômico: nunca tão firme, nunca tão pouco definido. Nesse caso, por “pouco definido”, podemos também compreender “com potenciais diversos”. Transitando do ensino à teoria, da gramática à literatura, do digital aos Estudos Clássicos, o viés de uma teoria mentalista, relativista e com foco na intercambialidade com as demais ciências da cognição pode ser visto como amplo, de caráter conexcionista, e está sendo explorado de formas diversas e criativas.

Para verificar os argumentos acima, é de grande ajuda observar que seus estudiosos também refletem tais características da área de Linguística Cognitiva (LC). O entrevistado desta edição da *Palimpsesto*, o prof. Dr. Antônio Suárez Abreu, transita da Gramática à Semântica, e, nesses caminhos, não carece de ser um profícuo pensador dedicado a compreender melhor as próprias estruturas que facultam o sentido que extraímos da linguagem. Há cerca de duas décadas ele se dedica ao tema, estabelecendo-se, então, como vanguarda brasileira nos estudos de LC.

Ser um dos integrantes dessa vanguarda, contudo, não parece assustar o professor Abreu. Retornando continuamente às origens de nossa espécie, ele busca entender não apenas *como* a nossa linguagem e os nossos discursos operam, mas também os seus porquês. Ao discorrer neste texto (assim como o faz em seus livros) sobre as imagens que construímos ou acessamos em nossas mentes durante o discurso, o prof. Abreu retorna nosso foco para um homem não (apenas) científico, mas *ancestral* e *corporificado*. É na maneira na qual nossa espécie se constituiu como um ser colaborativo e sociável que devemos investigar as *razões* da nossa maneira de pensar, sugere Abreu.

E mesmo ao acessar essa visão pré-histórica, não precisamos abandonar nossas instituições. O próprio professor Abreu dedica parte considerável de sua produção acadêmica para que o ensino de gramática se torne mais produtivo precisamente em contexto formal, escolar. Conforme ele mesmo destaca, aprender a(s) normatividade(s) a partir dos princípios imagéticos gerais desde jovens pode permitir um acesso mais rico e integrado aos saberes de nossa espécie.

O uso de imagens mentais sobre o qual discorre Abreu provê mais uma das funções mais caras à Linguística Cognitiva: o seu aspecto semântico. Partindo das cenas elaboradas com base em nossa experiência no mundo, mais poderosas cognitivamente, podemos acionar valores morais construídos cultural e discursivamente, integrando a língua e a linguagem às nossas mentes.

Todos esses atributos tornam a criatividade humana (uma das cifras resultantes da soma das partes abordadas na LC) um campo privilegiado para pensarmos a argumentação. Colocando-a no patamar de recurso de manutenção da vida social, visto que estabelecemos relações a partir da troca entre pares, verificamos que a argumentação e a escrita criativa fazem parte não de um único setor aplicado, voltado para o mercado, mas também da nossa potência humana.

Para exercer a conexão entre todos os temas citados e outros ainda que ficaram de fora, mas são trabalhados em sua longa carreira, é necessário ser um profissional igualmente capacitado para exercer diálogo. No caso do professor Antônio Suárez Abreu, isso verifica-se em sua formação, que se realiza com graduação, Mestrado, Doutorado e Pós-Doutorado em São Paulo e contou com experiências fora do Brasil, notadamente em Portugal e nos Estados Unidos – local onde pôde conhecer o ainda incipiente campo de Estudos Linguístico-Cognitivos e iniciar suas reflexões, somando-as ao seu trabalho já existente com Fonologia, Ensino de Gramática e Pragmática. Atualmente, é integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Linguística Cognitiva (GEPELIC). Além disso, é um autor acadêmico profícuo, tendo publicado mais de 30 artigos, orientado mais de 80 alunos de pós-graduação em nível *stricto sensu* e escrito mais de 10 livros, notadamente nos temas de Linguística Cognitiva e Ensino de Gramática, como *Gramática mínima para o domínio da língua padrão* (2003) e *Linguística Cognitiva: uma visão geral e aplicada* (2010).

Rompendo em parte com a tradição acadêmica da Linguística (na qual ainda vê valor) ao olhar para o futuro enquanto interfere nas práticas do presente, o estimado professor Dr. Antônio Suárez Abreu nos honra com o aceite do convite para esta entrevista. Antes de prosseguir ao conteúdo da conversa, encontrado a seguir, não podemos eximir-nos de agradecer profundamente ao professor Abreu pela sua disponibilidade e pelo tempo despendido na elaboração das respostas.

PALIMPSESTO

1) Ao longo da sua trajetória como pesquisador das ciências da linguagem, o senhor contribuiu de diversas maneiras para os estudos linguísticos no Brasil, tendo suas principais contribuições nos estudos sobre Cognição e Linguagem, Gramática e Retórica e nos estudos acerca do ensino de Língua Portuguesa. Assim sendo, poderia narrar um pouco sobre como se deu o seu encontro com os estudos linguísticos? E como descreve a sua trajetória até o presente momento?

ANTÔNIO SUÁREZ ABREU

Meus estudos de linguagem se iniciaram quando fiz graduação em Letras, na PUC de Campinas. Terminado o curso, fui para Portugal, onde estudei um ano na Universidade Clássica de Lisboa, fazendo aquilo que hoje chamaríamos de pós-graduação *lato sensu*. Voltando, fiz mestrado e doutorado na USP e, mais à frente, comecei a lecionar linguística nessa Universidade, tanto em graduação quanto em pós-graduação. Fiz, então, meu concurso de Livre-Docência. Anos depois, passei a lecionar língua portuguesa na graduação e pós-graduação da UNESP, campus de Araraquara. Fiz meu pós-doutorado na UNICAMP, já em linguagem e cognição, e concurso para Titular na UNESP. Minha área de ensino e pesquisa, há uns 20 anos, é cognição e linguagem, dentro do modelo da Linguística Cognitiva. Já orientei e levei à defesa mais de 40 mestrados e 40 doutorados e supervisionei 8 pós-doutorados. Escrevi numerosos artigos científicos em português e inglês e publiquei 13 livros. Atualmente, estou escrevendo um outro, didático, intitulado: *Lições de gramática para o Ensino Médio e vestibulares*.

PALIMPSESTO

2) Parte significativa da sua pesquisa é voltada para o ensino de Línguas, Leitura e de Produção Textual (em línguas portuguesa e inglesa), muito ligadas à argumentação e à escrita criativa. Assim, o senhor aponta que “saber argumentar é, em primeiro lugar, saber integrar-se ao universo do outro. É também obter aquilo que queremos, mas de modo cooperativo e construtivo, traduzindo nossa verdade dentro da verdade do outro” (Abreu, 2009, s/p). Partindo dessas percepções e da sua atuação, de que maneira o ensino da argumentação contribui para a construção de sentidos na escrita – criativa e não criativa?

ANTÔNIO SUÁREZ ABREU

Bem, do ponto de vista da evolução da espécie, o ser humano somente conseguiu sobreviver no vale do Rift, na África, há 3 milhões de anos, por ter sido capaz de se unir em grupos, para defender-se e caçar. A todo momento, tinha de argumentar (por mimetismo, naquela época) para conseguir o apoio de uma segunda pessoa. Um *Australopithecus afarensis*, sozinho, atirando pedras em um tigre, viraria almoço do tigre, mas 15 *Australopithecus* atirando pedras, ao mesmo tempo, fariam o tigre fugir. Desde que nascemos, também tentamos, continuamente, convencer nossas mães a nos alimentar e dar afeto, por meio de choro, gestos e gracinhas. Quando aprendemos a falar, a linguagem já surge, portanto, dentro de um nicho em que argumentar é importante. Aprender argumentação, quando adultos, é sistematizar, apenas, aquilo que sempre fizemos em termos filogenéticos e ontogenéticos. E quanto mais estudamos maneiras de convencer e persuadir, mais criativos ficamos, não apenas na escrita, mas em tudo o que nos propomos fazer tanto na vida profissional, quanto na pessoal.

PALIMPSESTO

3) Em artigo de 2020, o senhor afirma, com a sua coautora, que “os marcadores pragmáticos são de suma importância tanto no discurso escrito como no oral. As interações interpessoais são marcadas no cotidiano pela sua alta frequência [...]” (Abreu; Lyrio, 2020, p. 76), retomando a ideia de que nossos discursos não são apenas construídos por itens lexicais complexos. Desse ponto de vista, como os marcadores pragmáticos estão ligados à construção de discursos?

ANTÔNIO SUÁREZ ABREU

Os marcadores pragmáticos de que tratamos nesse artigo são os chamados marcadores pragmáticos conversacionais, que estão ligados à sociabilidade. Exemplos bastante conhecidos são as fórmulas de cortesia, como *bom-dia, por favor, obrigado*. Ligados ao discurso, temos os marcadores pragmáticos de atenuação, que vamos intercalando em nossos textos como *felizmente* em *Felizmente, você conseguiu superar o problema!*

PALIMPSESTO

4) Ainda tratando do uso dos marcadores pragmáticos e dos seus usos no discurso e nas interações sociais, de que forma o uso – adequado ou inadequado – deles pode contribuir e/ou prejudicar a transmissão de sentidos de um dado enunciado discursivo?

ANTÔNIO SUÁREZ ABREU

Quase todos, inconscientemente, usamos os marcadores de atenuação. O segredo está em usar na medida certa em cada situação de fala. Não usar, usar de maneira deficiente ou de maneira exagerada é inadequado e prejudica a transmissão de sentidos.

PALIMPSESTO

5) O senhor atuou em diferentes frentes dos estudos linguísticos, apresentando contribuições muito valiosas para a teoria e para a prática. Parte significativa da sua produção bibliográfica, contudo, vem caminhando pelo campo da Linguística Cognitiva, com destaque para os estudos da Metáfora e da Metonímia, propiciando uma maior e importante fonte de consulta nesse campo de estudo em português. Como se deu o seu contato com a Linguística Cognitiva e como foi o processo de introdução dessa teoria às suas pesquisas e aos seus trabalhos?

ANTÔNIO SUÁREZ ABREU

Meu primeiro contato com a Linguística Cognitiva aconteceu nos Estados Unidos, em um curso que fiz em Santa Barbara, Califórnia, em 1973. Na verdade, era

uma linguística ainda com sólidas raízes funcionalistas. Mais à frente, estive também em Cleveland, estado de Ohio, na Case Western Reserve University, por duas vezes. Lá, pude conhecer pesquisadores da área como o Mark Turner e o Gilles Fauconnier, que era de Berkeley. Foi a partir dessas experiências que comecei minhas pesquisas em Linguística Cognitiva.

PALIMPSESTO

6) Em seu livro introdutório à Linguística Cognitiva, enquanto trata da metáfora, o senhor afirma que “juntamente com a transferência do(s) traço(s) selecionado(s) do domínio de origem, são transferidos *valores*” (Abreu, 2010, p. 50, grifo nosso). Ao abordar os fatores emocionais e culturais que estão presentes na utilização de metáforas como elementos além do plano discursivo, situando-as como mediadoras da cognição humana, o senhor acredita dialogar com a questão da perspectivização, tão cara à Linguística Cognitiva, e vê diálogo com o relativismo ou determinismo linguístico?

ANTÔNIO SUÁREZ ABREU

Sempre que nos comunicamos, preferimos usar imagens. Em vez de dizer, por exemplo, que *o Banco Central prejudicou o ânimo da economia, com a manutenção da taxa de juros*, preferimos dizer que *o Banco Central jogou um balde de água fria na economia, com a manutenção da taxa de juros*. São as chamadas metáforas conceituais. É claro que cada cultura e momento histórico têm suas imagens preferidas. Antigamente, quem tinha muito dinheiro era uma pessoa *amoedada*, por exemplo. O que é importante, no uso das imagens, é respeitar a pragmática conversacional, a sociabilidade entre as pessoas.

PALIMPSESTO

7) Cada vez mais, no contexto acadêmico, há o direcionamento dos interesses da pesquisa em sociocognição para o ensino. Especificamente sobre a metáfora e a metonímia, iniciativas estão sendo feitas na tentativa de adaptar os materiais didáticos para oferecer aos alunos uma visão diferente da retórica tradicional desde as suas primeiras manipulações desse conteúdo em contexto formal. Como o senhor vê essas iniciativas e como julga ser adequada essa apresentação a alunos em idade escolar,

notadamente os do segundo ciclo do Ensino Fundamental? Quais princípios aplicáveis a exercícios de fixação, por exemplo, podem estar de encontro à visão da Semântica Cognitiva nesses tópicos?

ANTÔNIO SUÁREZ ABREU

O livro que estou escrevendo, neste momento, em parceria com a Beatriz Quirino Arruda Doná, que está fazendo os exercícios, tem esse objetivo. O ensino tradicional de gramática é puramente analítico e descontextualizado. É como se você desse algumas aulas sobre chifres, orelhas e tetas, e o aluno tivesse, a partir daí, de entender o que é uma vaca. Eu procuro trabalhar com princípios gerais e não fazer os alunos decorarem regrinhas. Para continuar a falar de imagens, ou iconicidade, podemos ver que muitas exceções têm origem nesse princípio. Quando escolho um sujeito como *As tortas de chocolate* e vou concordar com o verbo *chegar*, vou dizer que *as tortas de chocolate chegaram* e não **as tortas de chocolate chegou*, pois o verbo concorda com o núcleo do sintagma mais alto do sujeito. Mas, estranhamente, se essa mesma frase tivesse como sujeito *trinta por cento do chocolate*, as pessoas, em vez de dizer: *Trinta por cento do chocolate chegaram*, prefeririam dizer *Trinta por cento do chocolate chegou*. E essa frase também está correta, normativamente! Por que fazemos isso? Porque, em termos cognitivos, o núcleo do sujeito (*trinta por cento*) não forma imagem na minha cabeça, e *chocolate* forma. No caso anterior, tanto *tortas* quanto *chocolate* formam imagem, então, eu tenho de concordar com o núcleo *tortas*, que forma imagem.

PALIMPSESTO

8) Conforme George Lakoff postula, um dos compromissos fundamentais para a Linguística Cognitiva é precisamente o compromisso cognitivo, ou seja, de viés interdisciplinar com a neurociência mais atualizada. Na sua visão, os conceitos e teorias desenvolvidos nas décadas de 1960, 70, 80 e 90 ainda correspondem e dialogam com os avanços e as descobertas atuais, na segunda década do século 21? Quais adaptações e principais ressalvas podem ou devem ser feitas nesse sentido?

ANTÔNIO SUÁREZ ABREU

Muitos dos princípios originais continuam válidos. O que se tem feito, recentemente, é refinar a análise. Veja a metáfora, por exemplo. Até pouco tempo, dizia-se que ela é o resultado de você escolher uma ou duas propriedades de um domínio de origem e projetar em um domínio alvo. Ou seja, você faz um *blending* entre esses dois domínios. Nos dias de hoje, falamos em simetria. Metáfora é buscar simetria entre duas coisas assimétricas. Eu posso dizer, por exemplo, que *um smartphone é um canivete suíço digital*. O que eu quero dizer é que, assim como, em um canivete suíço, eu posso dispor de várias utilidades, como cortar, usar uma tesoura, um abridor de garrafas, um abridor de latas etc., em um *smartphone*, eu posso, igualmente, dispor de várias utilidades, como telefonar, enviar e-mails, *whatsApps*, movimentar contas bancárias, usar calculadora, lanterna etc.

PALIMPSESTO

9) O mundo digital e suas respectivas implicações têm penetrado em diversas áreas de estudo, da Literatura à Linguística, das Letras ao Direito. Considerando que os estudos sobre Cognição em Linguística versam essencialmente sobre o pensamento humano, o senhor enxerga algum tipo de influência dos parâmetros, discursos e gramáticas digitais, tais quais o tempo real (cf. Lévy, 2010), a velocidade e a quantidade dos estímulos, o incentivo à leitura dinâmica, a necessidade de adaptação textual para outros elementos do discurso, a utilização de recursos audiovisuais para construção de narrativas etc., no próprio *pensamento* dos sujeitos do século 21?

ANTÔNIO SUÁREZ ABREU

Não necessariamente. Nosso cérebro não funciona por algoritmos. Funciona por analogia e *blending*. Os algoritmos consistem em um modo artificial de criar raciocínios programados. É como comparar a física clássica (os algoritmos) e a física quântica (a movimentação dos quanta nos orbitais atômicos). As máquinas funcionam segundo princípios diferentes daqueles que são utilizados pelo nosso cérebro, quando estamos pensando.

REFERÊNCIAS

ABREU, Antônio Suárez. *Gramática mínima para o domínio da língua padrão*. 1. ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2003.

ABREU, Antônio Suárez. *A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção*. 13. ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009 (e-book).

ABREU, Antônio Suárez. *Linguística cognitiva: uma visão geral e aplicada*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2010.

ABREU, Antônio Suárez. *Texto e Gramática - uma visão integrada e funcional para a leitura e a escrita*. 1. ed. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

ABREU, Antônio Suárez; LYRIO, Aurélia Leal Lima. Marcadores pragmáticos, livros didáticos e ensino. *Percursos Linguísticos* (UFES), v. 10, p. 72-94, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/percursos/issue/view/1264>. Acesso em: 10 de abril de 2024.

LAKOFF, George. A hipótese da invariância: o pensamento abstrato está baseado em esquemas de imagem? *Cadernos de Tradução*, Porto Alegre, n. 31, jul-dez, 2012.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

Antônio Suárez Abreu: Graduado em Letras Neolatinas pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-Campinas), Mestre e Doutor em Linguística pela Universidade de São Paulo (USP). Concluiu Pós-Doutorado na Universidade Estadual de Campinas. Foi professor-associado da USP e, atualmente, é professor titular de Língua Portuguesa da Universidade Estadual Paulista (UNESP). <http://lattes.cnpq.br/9757262963534648>.

Thiago Wallace Rodrigues dos Santos Lopes: Doutorando em Letras: Língua Portuguesa (UERJ), com bolsa CAPES; Mestre em Letras: Língua Portuguesa (UERJ); Licenciado em Letras: Português-Literaturas (UFRRJ); membro dos grupos de pesquisas Estudos Linguísticos, Multiletramentos e Ensino de Língua Portuguesa (ELMEP/CNPq), Descrição e Ensino de Língua: pressupostos e práticas (CNPq) e Laboratório de Pesquisa em Língua e Discurso (LINDIS/CNPq); compôs o corpo de editores do periódico Palimpsesto – Revista discente do Programa de Pós-graduação em Letras da UERJ (04/2018-01/2020 e 05/2023-03/2024) e é professor de Língua

Portuguesa e Produção Textual da rede municipal de Saquarema. <https://orcid.org/0000-0001-7921-463> | thiagodossantos16@gmail.com.

Débora Leão: Bacharel em Publicidade e Propaganda pelas Faculdades Integradas Hélio Alonso e Mestre em Letras/Linguística pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. <https://orcid.org/0000-0002-3267-9148> | profissional.deboraleao@gmail.com.